



B - RITMOS E RIMAS FAMILIARES

A vida está cheia de ritmos e, não raramente, de poesia. Um cantarolar inspirado pela alegria da manhã ou um craveiro à janela são disso sinais visíveis. E o coração humano vibra melhor ao ritmo binário dos passos.

Passos e cantigas marcam um ritmo, automático e, até, inconsciente, mas vital.

O dia e a noite, o frio e o calor, as diferenças meteorológicas e as estações estabelecem e integram fatias específicas do tempo universal e humano.

Poder-se-ia ir bem mais longe, se se aprofundassem as origens e ramificações das vibrações que o ser humano absorve; algumas bastariam para garantir que não só a matéria imediata do quotidiano vibra no subconsciente das pessoas, mas cada ser humano se situa como um átomo de uma inenarrável cadeia de forças, qualquer que seja a cultura e as capacidades de emoção de cada um e a consciência disso.

Obedecendo ao ritmo vital, as refeições, o sono, as pressões biológicas e psíquicas partilham de ritmos próprios, mais ou menos cadenciados, mais ou menos mensuráveis. E os próprios hábitos, embora sem uma medida de rigor de curto prazo, também se situam no dinamismo e na mensurabilidade do tempo humano, tendo como alma física a ecúmena

Por isso, com o Simbolismo, Charles Baudelaire pode falar das correspondências:

*A natureza é um templo em que vivos pilares
deixam sair às vezes obscuras palavras;
o homem percorre-a através de florestas de símbolos
que o observam com olhares familiares.*

*Como longos ecos que de longe se confundem
numa tenebrosa e profunda unidade,
vasta como a noite e como a claridade,
os perfumes, as cores e os sons correspondem-se.*

*Há perfumes saudáveis como carnes de crianças,
doces como oboés, verdes como as campinas,
e outros, corrompidos, ricos e triunfantes, (...)*

Não é no meio citadino, completamente eivado de sons, odores, sensações e imagens espúrias... mas na virgindade rural que Eça descreve, como um possesso de Durius, a Divindade do nosso Rio:

(...)Logo depois de atravessarmos uma trémula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Príncipe, com o olho de dono subitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras...

- E em breve os nossos males esqueceram ante a incomparável beleza daquela serra bendita! Com que brilho e inspiração copiosa a compusera o Divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, neste seu Portugal bem-amado! A grandeza igualava a graça. Para os vales, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, de um verde tão moço, que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo amável, a que o esvoaçar leve dos pássaros sacudia a fragrância. Através dos muros seculares, que sustêm as terras liados pelas heras, rompiam grossas raízes coleantes a que mais heras se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flores silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a sólida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras,



vestidas de líquen e de silvados floridos, avançavam como proas de galeras enfeitadas: e, de entre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para lá galgara, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeara nas telhas. Por toda a parte a água sussurrante, a água fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, de entre as patas da água e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta à beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficemente, à espera dos homens e dos gados... Todo um cabeço por vezes era urna seara, onde um vasto carvalho ancestral solitário, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjais rescendentes. Caminhos de lajes soltas circundavam fartos prados com carneiros e vacas retouçando - ou mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espessa, numa penumbra de repouso e frescura. Trepávamos então alguma ruazinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheirais, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...

Jacinto, adiante, na sua água ruça, murmurava:

- Que beleza!

E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava:

- Que beleza!

Habitado à moleza postiça do 202 parisiense, ainda por cima nos Campos Elísios (os *Champs Élysées* de ontem e de hoje, no topo da denominada civilização), Jacinto ganha literalmente uma nova vida ao descobrir e recuperar o ritmo do seu sangue familiar, numa das paisagens mais belas do mundo: o Douro.

O ancestral apelo do húmus é marcado pelos passos pré-históricos do burro e da água ruça. E, se quisermos inventariar os ritmos que compõem essa imensidade sinfónica, que é um festival de sons, cores e sensações em estimulante sinestesia, descobriremos que, em primeiro lugar, existem três andamentos:

- o primeiro é a passagem da *trémula ponte de pau...*

- o segundo a grande abertura instrumental, das boas-vindas ao filho pródigo (Jacinto), nos “vales poderosamente cavados”...

- o terceiro, que começa em *trepámos...* e se vai esbatendo à medida que o novo homem penetra no novo mundo, pela “ruazinha da aldeia”.

Estes andamentos referem ritmos de diferentes graus, mas que se conjugam num tecido harmónico em que a vida humana e todos os seus sentidos se fundem e interpenetram, quase panteisticamente, com a natureza.

Só Eça saberia orquestrar todos aqueles timbres de pormenores rítmicos:

– o *riacho quebrado*, do primeiro andamento, introduz dinamicamente o segundo andamento, com:

– *os vales cavados - os bandos que desciam - apetecia cair e rolar - esvoaçar leve dos pássaros - sacudia - rompiam... - hera se enroscava - brotava flores - avançavam como proas de galeras - casebre galgara - vento semeara - água sussurrante... fecundante - espertos regatinhos fugiam, rindo - grossos ribeiros saltavam - fios... vibravam e faiscavam - fonte jorrava - verdejavam laranjais - lajes circundavam - carneiros e vacas retouçando - penetravam sob ramadas - ...*



E chega finalmente a reacção dinâmica, em que se baseia o terceiro andamento e originará a apoteose das almas, fundidas com a natureza: acabada a contemplação descritiva, já não há limitações de espaço, mas o impulso para cima:

– *trepámos*. E, como um incenso divino, os odores tomam lugar na paz interior: *o fumo, que se esgaçava, fugindo... - entrava na alma - espalhava...*

Para acabar o ritual purificador da ascense, os sons litúrgicos são também os mais primordiais, quase tanto como os do princípio do Mundo:

– o tilintar dos chocalhos... os guizos...

Ao outro dia o Douro tinha transfigurado o fidalgo mole, corroído pelo parasitismo, num homem livre, a quem, honradamente, já pode ser dado plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho.

Assim se entende que Teixeira de Pascoais assuma a altura do *Maranus*, o poeta do Marão e que Guerra Junqueiro, depois de uma vida diabolizada pela ‘civilização’ da capital, tenha desencantado, na quinta da Batoca da Barca de Alva, o seu paraíso rural, aí criando, ao sabor dos dias e das noites, *Os Simples*, de olhos afogados no mistério da vinha, das coisas e do seu e nosso rio Douro.

Resta ao habitante perdido pelas interioridades abandonadas do Alto Douro a intuição quase panteísta de todas estas coisas divinas. Mas o embrutecimento através da falta secular de instrução e educação, gera um dilema sociológico: é que aprender a saber usufruir de tanta beleza pode despertar, ao mesmo tempo, a fuga, a emigração para a falsa e fatal sedução dos artifícios vistosos mas poluídas do mundo dito civilizado.

Por isso é reconfortante o estudo da alma de um povo, o povo duriense. Pessoas simples, puras, transparentes, não têm capacidade para construir e usufruir das sinfonias cósmicas com que a natureza se habituou a orquestrar propositadamente, como celebrante do milagre que cada ano faz florescer em vinho, azeite, frutos, leite e mel aqueles montes e vales.

Assistem à celebração homens de mão cheia, que são, ao mesmo tempo, Poetas sem o saberem, Santos de pés descalços e mãos gretadas pela terra xistosa, que escutam e cumprem religiosamente a lição profética de Chateaubriand e de Rousseau:

La nature a fait l'homme heureux et bon, mais la société le déprave et le rend misérable: é a sociedade que torna miserável e depravado o homem, que a natureza criou feliz e bondoso.

Vamos ver, de modo resumido, mas atento, como se caracterizam e harmonizam alguns dos ritmos da vida natural do homem rural duriense.

Os espaços rurais – os exteriores e os interiores – têm sido sistemática e poderosamente assaltados e cilindrados pela normalização citadina.

Hoje as pessoas do campo vestem as mesmas *t-shirts*, ténis e calças de ganga que as da cidade; vêem os mesmos programas de televisão (concursos, futebol, novelas...); ouvem as mesmas músicas *rock* e *pimba*; comem os mesmos *hamburgers* e bebem a mesma *coca-cola* (ah! e também o *ice tea!*); exprimem-se pelo mesmo calão (*curtir... ó meu...*). E até já conseguem estragar o próprio ar, com os escapes dos automóveis e



motos nas voltas da ociosidade imbecil através da aldeia.

As novas vocações que a sociedade confere hoje ao espaço rural determinam a criação de actividades provenientes do meio urbano, ou que respondem a necessidades características desse meio.

O mundo rural viveu demasiado tempo sem diversificar a sua economia e fontes de rendimento. À agricultura (e a uma rara indústria extractiva) apenas se associaram, durante séculos, alguns serviços com ela relacionados e só mais tarde outros, destinados a satisfazer as necessidades básicas: saúde, educação. Mas por pessoas ‘de fora’, normalizadoras e sem enraizamento endógeno. O turismo parecia assumir papel activo, mas o abandono dos campos degrada ainda mais o tradicional terciário rural. Os próprios transportes locais se encarregam de trazer das urbes os produtos tradicionalmente localizados nas aldeias, que foram perdendo a homogeneidade e a individualidade, sobretudo devido às necessidades de emprego mais qualificado, que uma educação mais descentralizada provoca.

Quando as estatísticas afirmam que no conjunto dos Estados Membros da União Europeia a população das áreas rurais aumenta (sendo também nelas mais elevado o crescimento do emprego), é preciso notar que a noção de áreas rurais está muito eivada de outros factores, e seria mais rigoroso chamar-lhes ‘cinturas’, ‘zonas pré-citadinas’, ou ‘periferias’ – em que a ruralidade já não conserva quase nenhuma individualização.

Um estudioso brasileiro afirma:

Podemos de facto concordar, e concordamos, em que a miséria humana teve na industrialização e na urbanização um tremendo impulso, da mesma forma nos lamentando por se ter instalado a convicção de que o desenvolvimento tem de passar pela urbanização e industrialização. Podemos de igual modo recriminar-nos por não ter dignificado o “rural”, do que resulta ninguém querer sê-lo hoje nem ver no meio rural um modo de vida (PORTELA, 2001). Podemos ainda recordar que o rural, quando camponês, era autosuficiente gestor de microeconomias de escambo ecológico (CALDAS, 1991, 390) e que os consumos urbanos algumas vezes foram motivo de desastre económico [13]. Podemos defender que há estruturas locais ainda fortes mas que são já grandes as suas fragilidades, designadamente de natureza demográfica, perante a “sangria dos melhores” de que fala Castro Caldas. A verdade, no entanto, é que sem deixar necessariamente de ser românticos (PORTELA, 2001) temos de partir da realidade de hoje para procurar contribuir ainda para a resolução de um problema do desenvolvimento que já o é a incapacidade de fazer chegar às pessoas, em meio rural, a satisfação das suas necessidades básicas, quando nelas incluímos a saúde, a educação e a fruição de bens culturais complementares dos seus; num quadro social em que só se perde se deixarmos que se reduza a diversidade, tão enriquecida por formas de vida e culturas várias que seria muito grave destinar apenas a museus, vivos que sejam, do ruralismo.

Isto é: a fuga às condições materiais da condição rural, engrossa a normalização e ergue dos abismos os actuais alicerces da já denominada Aldeia Global, dos perdidos muitas horas diárias em frente dos áudio-visuais.

As novas gerações estão a perder as capacidades de reacção aos graves problemas que o futuro lhes reserva: desemprego, quezílias, fome. É que o bem-estar de que agora usufruem vai acabar com esta geração mais velha, que já não durará mais do que meia dúzia de anos.



No prolongado e enorme trabalho de recolha em que assentam os três grossos volumes deste Cancioneiro, pude verificar a extrema indiferença de muita gente perante as grandes riquezas que têm entre mãos. Mas que não conhecem, nem aparentemente se interessam por conhecer, o que é mau para um povo, do ponto de vista cultural: um povo sem passado, sem referências, nem memória de si próprio, não tem alma.

Como foi possível matar assim a alma da Cultura Popular? A sociedade de Consumo veio destruir o espírito e a tradição, em nome do bem-estar e do progresso.

Para isso exige que a família se desagregue, que a religião se menospreze, que o passado seja banido. E que futuro garante à Humanidade essa cultura do consumismo?

Perguntem-se os seus efeitos aos ecologistas; aos intelectuais; aos sacerdotes; aos professores; aos pais; aos sociólogos; aos homens de boa vontade.

Analistem-se depois as estatísticas das taxas de criminalidade; os escândalos da homossexualidade e da pedofilia; as falsidades do luxo e da imoralidade; as desigualdades entre povos e pessoas, ricos e pobres; a fome e a falta de água potável.

O povo de hoje já não tem, como antigamente, a autosuficiência de uma pobreza honrada, com sacrifícios e carências; mas nunca lhe faltou o entusiasmo das festas populares, o brio de uma dança, a graça de uma cantiga, o encanto atrevido de um vestido um de um penteado.

Estão a tirar a poesia da vida das pessoas. E à magia da música, por seu lado, sucede a monstruosidade dos ritmos dirigidos aos vícios e aos baixos instintos dos jovens sem felicidade nem futuro.

Mau grado as estatísticas mostrarem uma estrondosa subida de literacia e, sobretudo, de doutores, tem desaparecido a essência da arte e da felicidade:

Grande é a poesia, a bondade e as danças...

Mas o melhor de tudo são as crianças,
Flores, música, o luar, e o sol, que peca

Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto

É Jesus Cristo,

Que não sabia nada de finanças

Nem consta que tivesse biblioteca.

Álvaro de Campos

Restam-nos as crianças – num mundo de poesia, bondade, música, danças...

Já escasseia tempo e disponibilidade para as crianças, na actual sociedade de consumo, que não permite que as mães acompanhem o crescimento dos filhos:

Já não há distinção entre homens e mulheres nos estudos e nas oportunidades de emprego e carreira, dada a exigência de dois ordenados, para assegurar poder de compra: da casa (o ‘andar’), carro, alimentação, vestuário, férias, tecnologias...

A procura de bem-estar individual e familiar, o conforto doméstico, têm levado a um dilema que cada vez menos a sociedade consegue desatar: para oferecer conforto material aos filhos pequenos, os pais põem-nos a guardar numa ‘cerca’ comunitária. Para muitas crianças não existe senão essa ‘cerca’, em que os pais as vão depositar de manhã e levantar à noite. Tudo aí é partilhado em série: aulas, actividades, comida,



recreio, sono, brinquedos, amigos... bonecos animados, televisão e bactérias.

Daí saem crianças programadas para uma vida comunitária de rebanho: sem espaço nem tempo para desenvolverem as suas próprias capacidades e fantasias.

Esta 'produção em série' está a criar um conceito de liberdade excessivamente automatizada e, até, desumanizada, de tal modo que já existem sociólogos que explicam a criminalidade (por vezes monstruosa) como reacção de homens verdadeiramente livres contra a crescente robotização humana.

O adolescente que é encerrado entre as quatro paredes de uma sala de aula, esgota facilmente a sua capacidade sobrevivência sem espaço de distensão, de liberdade. E gera sempre, no seu íntimo, uma reacção de recusa e revolta, pelo menos em estado latente: vulcão que está lá e algo o pode activar, fazendo-o explodir imediatamente ou muito tempo depois.

Não é por acaso que todos os dias a violência estalar nas escolas. Hoje já ninguém tem autoridade nem força para travar a lava que aí vem e derrubará as fronteiras das regras da massificação, estabelecidas à revelia da natureza humana.

Estamos numa época em que se não pode passar sem livros, jornais e revistas, telefone, internet, telemóveis, CDs, DVDs, computadores, playstations... e tanta 'tralha' electrónica produzida às carradas pela sociedade de consumo.

Ah! e também sem a famigerada 'escolaridade obrigatória', para que toda a gente aprenda ao menos a ler, escrever e contar, pelo menos até ao 12º ano.

Estas considerações visam sublinhar a importância da tradição oral e suas técnicas, para a transmissão dos conhecimentos, experiências e vivências.

Dizia o profeta, o analfabeto Bandarra:

Eu componho, mas não ponho
As letrinhas no papel,
Que o devoto Gabriel
É que pinta quanto eu sonho.

Mas, se o que no Homem é matéria em ossos e cinzas se tornará, o que nele é Cultura perdurará como Alma sua imortal:

Em dois sítios me achareis
Por desgraça ou por ventura:
Os ossos na sepultura
E a alma nestes papéis.

Também António Aleixo, o cauteleiro semi-analfabeto, compreende que pela Arte lhe é permitido ver sempre ao longe:

Não é só na grande terra
que os poetas cantam bem:
os rouxinóis são da serra
e cantam como ninguém

Ser artista é ser alguém!
Que bonito é ser artista...
Ver as coisas mais além
do que alcança a nossa vista!



Assim, outro aspecto que tem de ser referido diz respeito à total ausência de comunicação escrita e, muito menos, áudio-visual. E, na província de Trás-os-Montes e Alto Douro, ainda agora não chega toda a comunicação social escrita e, quanto às novas tecnologias, existem ainda muitas e grandes zonas mortas para os telemóveis, a internet e, até, a televisão (e cabo só por satélite) e a rádio.

Teremos de nos situar em épocas em que as horas de leitura de livros e jornais, rádio e, sobretudo, as muitas horas diárias de televisão (estatisticamente são 3 horas cada pessoa, na actualidade) eram passadas a trabalhar, ou em convívios com familiares e amigos. Quer no trabalho, quer em casa, quer com amigos, falava-se ou dialogava-se muitíssimo mais do que actualmente e a transmissão de vivências e saberes realizava-se de forma, por regra, informal e inconsciente.

Assim, grande parte dos processos de aprendizagem (e diversão) passavam pelo convívio pessoal e empático, interactivo, mas sem intervenção exterior e, ainda, sem escolas nem mestres.

A tradição oral baseia-se em fórmulas rimadas e também em ritmos próprios, nem sempre rimados, que possibilitam a transição das memórias através dos séculos, sem serem escritas.

A título de curiosidade, apresento uma listagem de descobertas que o progresso pôs diante da Humanidade em pouco mais de... 50 anos – meio século – e ficamos admirados com a sua quantidade e qualidade:

- televisão,
- vacinas contra a poliomielite,
- comidas congeladas,
- fotocopiadora,
- lentes de contacto,
- radares,
- cartões de crédito,
- raio *laser*,
- patins *on-line*,
- ar condicionado,
- máquina de lavar,
- secadoras (as roupas simplesmente secavam ao vento),
- o homem nem havia chegado à lua,
- rapazes não usavam piercings,
- computador,
- duplas carreiras universitárias,
- terapias de grupo,
- fast food, ou "comida rápida",
- telefones sem fio (muito menos telemóveis),
- música estereofónica,
- rádios FM,
- fitas K-7,
- CDs,
- DVDs,
- máquinas de escrever eléctricas,
- calculadoras (nem as mecânicas quanto mais as portáteis),
- "Notebook" era um livreto de anotações,
- relógios a pilhas,



- tecnologia digital,
 - indicadores com números luminosos,
 - rádio-relógios-despertadores,
 - máquinas de jogos,
 - cafeteiras automáticas,
 - micro-ondas,
 - videocassetes,
 - câmaras de vídeo,
 - As fotos não eram instantâneas nem coloridas (somente p/b e a revelação demorava mais de três dias.
 - As fotos a cores não existiam (e, ao aparecerem, a revelação era muito cara e demorada),
 - Se em algo léssemos "Made in Japan", era de pouca qualidade,
 - não havia "Made in Korea",
 - nem "Made in Taiwan",
 - nem "Made in China",
- Não havia também:
- "Pizza Hut",
 - "McDonald's", Zara, Corte Inglês
 - café instantâneo,
 - gelados, passagens de autocarro, refrigerantes, tudo por 10 centavos,
 - "erva" cortava-se para os animais (e não para se fumar),
 - Não havia "hardware" e "software",
 - nem pílula anticoncepcional,
 - a virgindade não 'produzia cancro',
 - e uma senhora precisava de um marido para ter um filho.

(Autor desconhecido)

Sem esta panóplia de inventos, que hoje até já consideramos primitivos e obsoletos, quer as crianças quer os adultos podiam dar largas à sua imaginação e espírito criativo, para inventarm brinquedos e reinventarem maneiras agradáveis e (sempre) instrutivas de utilizar o tempo.

Seria mais adequado dizer que antigamente se inventava o Tempo.

De facto, já se vão perdendo nas brumas da memória os costumes individualizados com que as crianças eram criadas e educadas. Mas, embora em grau estatisticamente cada vez mais diminuto, ainda vai havendo famílias, em que, para as crianças, as mães e avós ainda vão buscar coisas bonitas e eficazes às arcas da memória, geradora de saudades, de sonhos e de música interior.

Os ritmos familiares dos gestos quotidianos contribuem para o crescimento físico e psíquico dos homens e mulheres do Futuro, que cada vez mais está descaracterizado, massificado e depressa calcinado, pois os sonhos não lançam raízes no cimento.



ENTRETÉNS

Como ensina o Joaquim A. Ferreira, excelente pedagogo e investigador regionalista, a actividade lúdica é essencial para o desenvolvimento integral e harmonioso da psico-motricidade da criança. Como não o pode fazer por ela própria, vão aprendendo com as mães e os familiares, que desempenham essa função utilizando gestos, palavras (geralmente rimadas e ritmadas) e canções apropriadas.

Dáí nasceram os *entreténs*, que têm um grande valor físico-psíquico-pedagógico, pois auxiliam poderosamente a criança a crescer mais sã, a aprender mais cedo, a exercitar as suas actividades corporais e a desenvolver mais rapidamente as suas faculdades mentais.

Eis alguns exemplos desse género:

Para divertir as crianças

*Bichinha gata,
Que vens tão farta,
Que comeste hoje?
Sopinhas de leite.
Gardaste-me delas?
Gardei, gardei.
Adonde?
Atrás da caixinha.
Com que a tapaste?
Com o rabo do gato.
Sape, gata, para casa da
madrinha.
Comer pão sardinha.*

Dizem-se estes versos ritmadamente, afagando com as mãos o rosto da criança, correspondendo a cada verso um movimento descendente.

Os últimos dois versos são acompanhados de cócegas no peito, ou pancadinhas no rosto.

*Bichinha gata,
Donde vens tão farta?
De casa da madrinha.
Que te deu ela?
Pão e sardinha.
Sape gata, prá cozinha.*

*Bichaninho gato,
Donde vens tão farto?
De casa do tio Marto.
Que comeste lá?
Sopinhas com mel.
Sape, rabeja,
Pra casa do ti Miguel.*

*Foste à vila?
Fui.
Compraste panelas?
Comprei.
Quebraste-as pelo caminho?*

*Quebrei.
A tua mãe ralhou?
Ralhou.
Vamos também nós ralhar?
Vamos.*

Depois, bufam na cara um do outro:

**
O teu pai foi aos lobos?
Foi.
Caçou-os todos?
Caçou.
Onde os escondeu?
Na pilheirinha.
Queres ser galo ou galinha?
Galinha,
Então bufa lá.*

Bufam também na cara um do outro.

**
Mão tola, mão tola,
Que fazes aqui?
Não comes nem bebes,
Só bates em ti.*

Dizem-se os três primeiros versos, abanando a mão da criança, e o quarto, batendo-lhe com ela na cara.

*Lá vem um barco,
Alí ao pé. Como se chama?
É S. Tomé.
Que carga traz?
Chá e café.
Como se chama o capitão?
Mé, mé, mé, mé.*

Imita-se o berrar da cabra, no último verso.

**
Lagarto pintado,
Quem te pintou?
Foi uma velha
Que aqui passou,
No tempo da eira,
Fazia poeira.
Puxa, lagarto,
Nesta orelhita.*



Puxa-se a orelha da criança. O mesmo se faz nas três variantes que se seguem.

*Orelhita, orelhão.
Deixaste, ir as ovelhitas
E agora, de castigo,
E agora, de castigo,
Vai apanhar um puxão.*

*Tim, tim, tim, chora o
macaquinho,
Que a mãe lhe bateu no
rabinho.
Manda dizer a tia Anica
Que te puxe esta orelhica.*

*Tim, tim, serra o macaquinho.
Tau, tau, arrebita o pau.
Ita, ita, diz a tia Rita
Que te puxe esta orelhita*

*Cinco dedos tem a mão,
A outra tem outros cinco.
Com eles faço os deveres
E com eles também brinco:
Ora mexem para baixo,
Ora para cima vão,
Ora deixam de se ver,
E pronto, já cá não estão.*

Nos primeiros quatro versos, mostram-se os dedos das mãos. No quinto e sexto, correm-se pela cara da criança. E nos últimos, escondem-se as mãos.

*Que é do rato que aqui
estava?
Fugiu, fugiu...
Lá vai o gato apanhá-los:
Miau, miau...*

Fazem-se cócegas na criança, até ela se rir.

*Chi, coração,
Caixa de pão,
Pipa de vinho
Pró meu menino.
Chi...*

Diz-se » chi » encostando a cara ao rosto da criança. Faz-se o mesmo na variante seguinte:

*Chião, chião,
Carrinho de pão,
Para ti a palha,
Para mim o grão.*

*Preguiça, mantiga,
Quem te há-de manter?
Um pau pelas costas
Até te moer.*

Abana-se levemente a criança nos dois primeiros versos e dão-se-lhe palmadinhas nos últimos.

*Esta barba barbadeira,
Esta boca comedeira,
Este nariz narizete,
Estes olhos de pisquete,
Esta testa de giesta,
Esta cabelinho loiro..
Foge, rapaz, que te estoiro.*

Os primeiros seis versos dizem-se acariciando as partes respectivas do rosto da criança; o último, abanando o seu corpo e ao mesmo tempo sorrindo.

*Queixinho de rabeca,
Boquinha pequenina,
Nariz de narigueta,
Testinha de giesta,
E cabelinho loiro,
Foge lá, rapariga,
Que vem aí o toiro.*

*Telhados (testa)
Janelas (olhos)
Porta (boca)
Escadas (queixo)
Campainha (nariz)
Terrim, terrim...*

Toca-se com a mão nos lugares designados e carrega-se no nariz ao dizer: *terrim - terrim*.

Para adormecer

*O menino mau
Tem o cu de pau.
Não quer ir prà cama,
Mas leva tau, tau,*

*Papão, papão, vai-te embora,
Lá de cima do telhado.
Deixa dormir o menino
Um soninho descansado.*

*Nana, nana, meu menino,
Que já lá vem o Tutu,
Com um cacho de bananas
E um prato de peru.
Nana, nana, meu menino,
Que a mãezinha logo vem.
Foi levar os cueirinhos
À fontinha de Belém.*

*João Pestana, João Pestana,
Faz dormir o menino
na cama.*

Para mamar

*Rola, rola, catrapula,
Que te quero dar a mama.
O teu pai foi pró moinho,
Tua mãe ficou na cama.*



*

*Palmadinhas, palmadinhas,
Palmadinhas e palmocas.
A mãe dará maminhas,
A mãe dará mamocas
E o papai, quando vier,
Te dará o que trazer.*

*Palminhas,
Palminhas,
A mãe dá maminhas
E o pai, quando vier,
Dará do que trazer.*

Para comer

*Enganei-te, enganei-te,
Com as sopinhas de leite,
A comer uma cereja,
À porta da nossa igreja.*

*Ó Zé, põe-te a pé,
Vem tomar o teu café.
Tim, trelim, meu cafezinho,
Tim, trelim, eu vou tomar.*

*Só me dói a barriguinha,
Quando é para trabalhar.*

*

*Põe, põe, pitinha o ovo,
Que a menina papa o todo.
Ela o coze, ela o assa,
Ela o vai vender à praça.*

*Faz um bolinho
Pró meu manquinho.
Quem o mancou?
Foi um a velha
Que aqui passou.*

*Acabou-se a papa doce,
Quem a comeu
regalou-se.*

Para por no chão

*Cadeirinha, cadeirão,
Sapatinho de algodão,
Leva o bebé à mãezinha
Que lhe dará a maminha,
Se o menino for pró chão.*

*Orelhita purigenha,
Onde vais buscar a lenha?
À ribeira da canhota,
Onde a lenha é mais torta.
Roça, roça no chão, roça,
Vai pró chão andar de gatas,
Mas não rompas as sapatas.*

Para andar

*Mão, mão, mão.
Pé, pé, pé.
Roda, roda, roda,
Caranguejo peixe é.*

*Chi coração,
Caixa de pão,
Pipa de vinho,
Para o menino
Ir à lição.
Dá cá a mão.*

Para contar

*Tu tens uma bonequinha?
Tenho.
Ela é engraçadinha? É.
Quantos anos ela tem? Cinco.
Vamos lá contá-los:
Um, dois, três, quatro, cinco...*

*O teu pai fez uma casa? Fez.
Quantos pregos lhe pregou?
Dez.
Vamos lá então contá-los:
Um, dois, três, quatro, cinco,
Seis, sete, oito, nove, dez.*



LENGALENGAS

Se as crianças se divertiam com os entreténs e os jovens com os jogos, os adultos também podiam entrar no grupo, sobretudo nos jogos das palavras, uma brincadeira que não foi apanágio exclusivo da literatura oral, mas que entrou também na literatura escrita, atingindo o seu ponto mais alto na escola gongórica, no século XVII. E foi assim que surgiram as *lengalengas*, em grande quantidade, das quais deixo alguns exemplos muito curiosos e bem significativos. (Outras lengalengas: no Vol II)

Aos dedos da mão

a.

*Este é o mindinho,
Este é o vizinho,
Este é o pai de todos,
Este é o fura bolos,
E este o matraca-piolhos!*

b.

*Este foi à lenha,
Este o ajudou,
Este achou um ovo,
Este o cozinhou
E este o papou.*

c.

*Este diz que quer pão,
Este diz que não lho dão,
Este diz que o vai ganhar,
Este diz que o vai roubar,
E este diz que roubar não,
Porque é feio e dá prisão.*

d.

*Ana, Magana,
Rabeca, Susana,
Lázarus, Ramos,
E na Páscoa estamos!*

Aos dias da semana

a.

*Os dias que há na semana
Eu tos vou a referir,
Com palavras excelentes,
Escuta, se queres ouvir:*

*Segunda-feira, águas claras,
Que regam toda a verdura,
Pra alegrar esses teus olhos,
Amor de pouca ventura.*

*Terça-feira, alecrim verde.
Bem poderas tu, menina,
Ser agora o meu amor,
Já que amar-te é minha sina.*

*Quarta-feira, uma rosa,
Por ser a flor desmaiada;
Nossa amizade, menina,
É firme, nunca se acaba.*

*Quinta-feira, uma açucena,
Por ser a flor excelente;
Não sei se fala verdade
Ou se a menina me mente.*

*Sexta-feira é um trevo,
Que anda rentinho do chão,
Bem poderas tu, menina,
Andar em meu coração.*

*Sábado é um rosmaninho,
Por ser a flor mais alegre:
Nossa amizade, menina,
É fiel e nunca se perde.*

*Quem me dera cá domingo,
Dia de tanta alegria!
O meu gosto é ir buscar-te
Para a minha companhia!*

b.
*Na segunda eu me deito
E na terça me levanto;
Na quarta é da santo;
Na quinta vou para a feira;
Na sexta vou ver a leira;
Sábado, vou passear
E, no domingo, missar.
Diga-me agora, comadre,
Quando hei-de descansar!*

c.
*Não há sábado sem sol
Nem há domingo sem missa,
Nem segunda sem perguiça,
Nem terça sem have feira,
Nem convent se ter freira
Não há mEnina bonita
Sem ter vestido de chita.*

Aos meses

*Eu sou o Janeiro
Que espalho o meu grão
E peço a Deus
Aceso tição.*

Eu sou o Fevereiro,



*MÊs dos temporais,
DEscubro as casas,
Derubo os portais*

*E eu sou o Março
Que sempre marcejo
E farto as terras
De água e desejo.*

*E eu sou o Abril,
O tempo das flores,
Gorjeiam as aves,
Despertam amopres.*

*E e sou o Maio
De pouca ventura,
Jã não tenho grão
Nem tenho assadura.*

*E eu sou o Junho,
Jã não tenho nada:
Só mato a fome
Com pão de cevada.*

*E eu sou o Julho,
O mês mais sisudo,
Que farto cidades,
Aldeias e tudo.*

*Eu sou o Agosto,
Que toco guitarra
E que vendo o vinho
A meia canada.*

*Eu sou o Setembro
Que tudo recolho:
O trigo, o milho,
O grão e o restolho.*

*Eu sou o Outubro,
O Mês do Outono,
Estrumo as terras
Para bem do dono.*

*Eu sou o Novembro,
O mês dos santinhos,
Em que os lavradores
Provam os seus vinhos.*

*Eu sou o Dezembro
Engordo o meu porco
Como os meus torresmos,
Regalo o meu corpo.*

*Trinta dias tem Novembro,
Abril e Junho e Setembro;
De vinte e oito só há um,
Tudo o mais tem trinta e um.*

Às vogais

a.
*A mãezinha leva já - á
O leitinho com café - é
Prá merenda da Lili - i
Que está na casa da avó - ó
A brincar com a Lulu - u
A - E - I - O - U*

b.
*Sor polícia venha cá - á
Venha ver o que isto é - é
O barulho é aqui - i
O neto bateu na avó - ó
Deu-lhe um pontapé no cu - u.*

c.
*Eu conheço a letra á
Onde quer que a veja escrita,
Junto-lhe um pê, fica pá
Oh, que letra tão bonita!*

*E também conheço o é,
Até o sei escrever;
Junto-lhe pê, fica pé,
É muito fácil de ler.*

*Conheço também o i,
É uma bonita letra,
E até a sei desenhar:
Tem uma pintinha preta.*

*A letra ó, redondinha.
É bem fácil de escrever:
Até a mina maninha
Dorme, ao ouvi-la dizer.*

*E a letra u, é, enfim,
Das vogais a derradeira,
Faz lembrar uvas maduras,
Penduradas na videira.*

Aos números

a.
*Um, dois, três,
Macaquinho do chinês.*

b.
*Um, dois, três, quatro,
A galinha e o pato
Fugiram da capoeira;
Atrás foi a cozinha,
Que lhes deu com um chanato:
Um, dois, três, quatro!*

c.
*A galinha da pousada
Põe os ovos à manada:
Lá põe um e lá põe dois,
Lá põe três e lá põe quatro,
Lá põe cinco e lá põe seis,
Lá põe sete e lá põe oito,
Lá põe nove e lá põe dez.
Um, dois, três, quatro, cinco,*



Seis, sete, oito, nove, dez!

d.

Pus-me a contar às avessas

As pedras numa coluna:

Dez, nove, oito, sete, seis,

Cinco, quatro, três, duas, uma.

e.

Quem ganha um e gasta dois

Nada tem para depois;

Quem ganha dois e gasta três

Nada tem pra outra vez;

Quem ganha três e gasta quatro

Escusa de bolsa e saco;

Quem ganha quatro e gasta cinco

Tem de andar sempre faminto;

Quem ganha cinco e gasta seis

Nunca juntará dez reis

Quem ganha seis e gasta sete

Não sabe no que se mete;

Quem ganha sete e gasta oito

Nunca pode andar afoito;

Quem ganha oito e gasta nove

De rico torna-se pobre;

Quem ganha nove e gasta dez

Perde os sapatos dos pés.

f.

Quatro com cinco são nove,

Para doze faltam três;

Se te faltei algum dia

Aqui me tens outra vez.

g.

Doze e redoze,

Com mais quatro são catorze,

Com mais sete vinte e um

Faz a conta menos um.

h.

Doze e redoze,

Vinte e quatro e catorze,

Desasseis e vinte e um

Dão um cento, menos um.

i.

Cifra vai,

Cifra vem,

Toma lá dez reis,

Bota cá um vintém

E volta pró ano,

Porque eu pago bem.

j.

Três vezes nove vinte e sete,

Quem não pode não promete.

Quem morreu foi o Baeta

À porta da Castanheta.

Temas vários

Arco-da-velha

Põe-te na quelha

Fita Vermelha

Não é para velha.

—

Arco-da-velha

Não bebas aí

Burros e burras

Mijaram aí.

—

O tempo pergunta ao tempo

Quanto tempo o tempo tem;

O tempo responde ao tempo

Que o tempo tem tanto tempo

Quanto temo o tempo tem.

—

Ó solzinho, vem, vem,

Ganharás um vintém;

Se vieses pelo telhado

Ganharás um cruzado.

—

Rei, capitão,

Soldado, ladrão,

Orelhas de gato

Focinho de cão.

—

Sapateiro, remendeiro,

Come tripas de carneiro:

Bem lavadas, mal lavadas

Tudo vai para o pandeiro!

—

Quem parte e reparte

E não fica com a maior parte,

Ou é tolo ou não sabe da arte.

—

O pretinho da Guiné

Lava a cara com café

Tem vergonha de ir à missa

Com sapatos de cortiça.

—

Chi-chi-ri-chi... onde vais, velha?

Chi-chi-ri-chi... vou para a serra

Chi-chi-ri-chi... que vais fazer?

Chi-chi-ri-chi... vou buscar lenha

Chi-chi-ri-chi... pra que é a lenha?

Chi-chi-ri-chi... pracerder o lume.

Chi-chi-ri-chi... pra que é o lume?

Chi-chi-ri-chi... pra fazer o caldo

Chi-chi-ri-chi... pra que é o caldo?

Chi-chi-ri-chi... pra dar ao moço

Chi-chi-ri-chi... pra que é o moço?

Chi-chi-ri-chi... pra sachar milho

Chi-chi-ri-chi... pra que é o milho?

Chi-chi-ri-chi... é pras galinhas

Chi-chi-ri-chi... pra que são as galinhas?

Chi-chi-ri-chi... pra pôr os ovosos

Chi-chi-ri-chi... pra que são os ovosos?

Chi-chi-ri-chi... pra dar ao padre.

Chi-chi-ri-chi... pra que é o padre?

Chi-chi-ri-chi... pra dizer a missa.

Chi-chi-ri-chi... pra que é a missa?

Chi-chi-ri-chi... pra ir pró céu da carriça.

—

Chi-chi-ri-chi... casou Maria

Chi-chi-ri-chi... com quem seria?

Chi-chi-ri-chi... C'um sapateiro

Chi-chi-ri-chi... que lhe daria?

Chi-chi-ri-chi... umas chinelas



Chi-chi-ri-chi... de que são elas?
Chi-chi-ri-chi... de cordão
Chi-chi-ri-chi... casou João.

Cá-cá-rá-cá... põe-te na pá,
Faz um bolinho pró meu manquinho.
- Quem o mancou?
- Foi a pedra.
- Que é da pedra?
- Está no monte.
- Que é do monte?
- O lume queimou-o.
- Que é do lume?
- A água apagou-o.
- Que é da água?
- Os patos beberam-na.
- Que é dos patos?
- Estão a pôr ovos.
- Que é dos ovos?
- Os padres comeram-nos.
- Que é dos padres?
- Estão a dizer missa.
- Que é da missa?
- Já está dita.

Cá-cá-rá-cá... põe-te na pá,
Faz um bolinho pró meu manquinho.
- Quem o mancou?
- Foi uma velha que aqui passou.
- Que é da velha?
- Caiu à água.
- Que é da água?
- Beberam-na os bois.
- Que é dos bois?
- Foram semear trigo.
- Que é do trigo?
- Comeram-no as pitas.
- Que é das pitas?
- Foram pôr o ovo.
- Que é do ovo?
- Comeram-no os padres.
- Que é dos padres?
- Foram dizer missa.
- Por quem é a missa?
- É pela carriça.

Era uma velha que tinha um gato

Era uma velha que tinha um gato
Debaixo da cama o tinha.
O gato miava e a velha dizia:
- Mal haja o teu miar
Que não me deixa dormir
Nem tão pouco descansar.

Era uma velha que tinha um cão
E debaixo da cama o tinha
O cão ladrava, o gato miava
E a velha dizia:
- Mal haja o teu ladrar e o teu miar

Que não me deixam dormir
Nem tão pouco descansar.

Era uma velha que tinha um galo
Debaixo da cama o tinha.
O galo cantava, o cão ladrava,
O gato miava e a velha dizia:
- Mal haja o teu cantar,
O teu ladrar, o teu miar
Que não me deixam dormir
Nem tão pouco descansar.

Era uma velha que tinha um porco
E debaixo da cama o tinha.
O porco roncava, o galo cantava,
O cão ladrava, o gato miava
E a velha dizia:
- Mal haja o teu roncar, o teu cantar,
O teu ladrar e o teu miar
Que não me deixam dormir
Nem tão pouco descansar.

Era uma velha que tinha um burro
Debaixo da cama o tinha.
O burro rinchava, o porco roncava,
O galo cantava, o cão ladrava,
O gato miava e a velha dizia:
- Mal haja o teu rincar,
O teu roncar, o teu cantar,
O teu ladrar e o teu miar
Que não me deixam dormir
Nem tão pouco descansar.

Era uma velha que tinha um boi
Debaixo da cama o tinha.
O boi berrava, o burro rinchava,
O porco roncava, o galo cantava,
O cão ladrava, o gato miava
E a velha dizia:
- Mal haja o teu rincar,
O teu roncar, o teu cantar,
O teu ladrar e o teu miar
Que não me deixam dormir
Nem tão pouco descansar.

A velha, obrigada, então,
Tomou esta decisão:
Mata o boi, e mata o burro,
Mata o porco, e mata o galo,
Mata o cão, e mata o gato...
E, satisfeita, dizia:
- Acabou-se o teu berrar,
Acabou-se o teu rincar,
Acabou-se o teu roncar,
Acabou-se o teu cantar,
Acabou-se o teu ladrar,
Acabou-se o teu miar...

Agora posso dormir!
Também posso descansar!



A formiguinha e a neve

- Ó neve, tu és tão forte que me prendes?
- Mais forte é o Sol, que me derrete!

- Ó Sol, tu és tão forte que derretes a neve,
E a neve me prende?
- Mais forte é a nuvem, que me encobre!

- Ó nuvem, tu és tão forte que encobres o Sol,
O Sol derrete a neve, e a neve me prende?
- Mais forte é o vento, que me espalha!

- Ó vento, tu és tão forte que espalhas a nuvem,
A nuvem encobre o Sol, o Sol derrete a neve,
E a neve me prende?
- Mais forte é a parede, que me pára!

- Ó parede, tu és tão forte, que páras o vento,
O vento espalha a nuvem, a nuvem encobre o Sol,
O Sol derrete a neve, e a neve me prende?
- Mais forte é o rato, que me fura!

- Ó rato, tu és tão forte, que furas a parede,
Que pára o vento, o vento espalha a nuvem,
A nuvem encobre o Sol, o Sol derrete a neve,
E a neve me prende?
- Mais forte é o gato, que me caça!

- Ó gato, tu és tão forte, que caças o rato,
O rato fura a parede, que pára o vento,
O vento espalha a nuvem, a nuvem encobre o Sol,
O Sol derrete a neve, e a neve me prende?
- Mais forte é o cão, que me morde!

- Ó cão, tu és tão forte, que mordes o gato,
O gato caça o rato, o rato fura a parede,
A parede pára o vento, o vento espalha a nuvem,
A nuvem encobre o Sol, o Sol derrete a neve,
E a neve me prende?
- Mais forte é o pau, que me bate!

- Ó pau, tu és tão forte, que bates no cão,
Que morde o gato, o gato caça o rato,
O rato fura a parede, a parede pára o vento,
O vento espalha a nuvem, a nuvem encobre o Sol,
O Sol derrete a neve, e a neve me prende?
- Mais forte é o lume, que me queima!

- Ó lume, tu és tão forte, que queimas o pau,
O pau bate no cão, que morde o gato,
O gato caça o rato, o rato fura a parede,
A parede pára o vento, o vento espalha a nuvem,
A nuvem encobre o Sol, o Sol derrete a neve,
E a neve me prende?
- Mais forte é a água, que me apaga!

- Ó água, tu és tão forte, que apagas o lume,
O lume queima o pau, o pau bate no cão,
Que morde o gato, o gato caça o rato,
O rato fura a parede, a parede pára o vento,
O vento espalha a nuvem, a nuvem encobre o Sol,
O Sol derrete a neve, e a neve me prende?
- Mais forte é o boi, que me bebe!

- Ó boi, tu és tão forte, que bebes a água,
Que apaga o lume, o lume queima o pau,
O pau bate no cão, que morde o gato,
O gato caça o rato, o rato fura a parede,
A parede pára o vento, o vento espalha a nuvem,
A nuvem encobre o Sol, o Sol derrete a neve,
E a neve me prende?
- Mais forte é o homem, que me junge!

- Ó homem, tu és tão forte, que junges o boi,
Que bebe a água, que apaga o lume,
O lume queima o pau, o pau bate no cão,
Que morde o gato, o gato caça o rato,
O rato fura a parede, a parede pára o vento,
O vento espalha a nuvem, a nuvem encobre o Sol,
O Sol derrete a neve, e a neve me prende?
- Mais forte, é a Morte, que me leva!
E tudo leva!

TRAVA-LÍNGUAS

- Os bombeiros voluntários de Braga borraram as botas com bosta de boi.
- À chegada a Chaves, achei uma chapa de chumbo chapada no chão.
- O rato roeu a rolha da garrafa de rum do rei da Rússia
- Um rato, roendo, roía o rabo do rodovalho; e a tia Rita Ramalho, ria, ao vê-lo roer.
- Porque palras, pardal palro?
- Palro, palro e palrareí, porque, sendo pardal palro, palrador sou de el-rei.
- O Papim papa a papinha, papinha, papa de pão.



Se o Papim não papa a papa, o papão papa o Papim.
Mas o Papim papa a papa, para o não papar o papão.

– Um prato de patas papa a pata.

– Assim como a pega papa a fava, porque não papa a fava a pega?

– No cima da sebe, papa a pega a fava seca.
Porque papa a pega a fava e não papa a fava a pega?

– Um tigre, dois tigres, três tigres.

– Três tigres comem três trigos, mas três trigos não comem três tigres.

– Sei um ninho de mafagafa com cinco mafagafinhos; quando chega a mafagafa, os cinco mafagafinhos põem-se lgo a mafagafar.

– Esta burra é burra torta; trota, trota, burra torta; burra torta trota à porta.

– Em cima da pipa está uma pita: pinga a pipa, pia a pita.

– Por baixo da pipa passa a pita; enquanto a pipa pinga a pita pia.

– Copo, gericopo, copá.
Quem disser três vezes
Copo, gericopo, copá,
Deste mesmo copo, gericopo, copá
Três vezes beberá.

– Está o céu enladrilhado.
Quem o desenladrilhará?
O desenladrilhador que o desenladrilhar
Bom desenladrilhador será.

– Se o arcebispo de Constantinopla
Se quisesse desarsebispodeconstantinoplizar,
Quem seria o desarsebispodeconstantinoplizador,
Que o desarsebispodeconstantinoplizaria?

– Que faria o Faria, se não fosse Faria?
Faria o que faria quem não fosse Faria.

– Assim como o chuço atiça a choça, porque não atiça a choça o chuço?

– Pranta a tampa na trempe e não a trempe na tampa.

– O padre Pedro prega pregos; pregos prega o padre Pedro.

– Oh! que eco aqui há!
- Que eco é?
- É o eco que cá há.
- O quê? Então há eco cá?
- Há eco, há; há eco, há.



C - PROVÉRBIOS, MEDICINA CASEIRA, LENDAS E CRENÇICAS

1. Alguns provérbios do Alto Douro

Amigos:

A conselho amigo, não feches o postigo.
A falta do amigo há-de-se conhecer mas não aborrecer.
Amigo diligente, é melhor que parente.
Amigo disfarçado, inimigo dobrado.
Amigo que não presta e faça que não corta: que se percam, pouco importa.
Amigo verdadeiro vale mais do que dinheiro.
Amigo, vinho e azeite o mais antigo.
Amigos, amigos, negócios à parte.
Ao bom amigo, com teu pão e teu vinho.
Ao rico mil amigos se deparam, ao pobre seus irmãos o desamparam.
Aquele que me tira do perigo, é meu amigo.
As boas contas fazem os bons amigos.
Bocado comido não faz amigo.
Defeitos do meu amigo, lamento mas não maldigo.
Em tempo de Figos, não há amigos.
Muitos conhecidos, poucos amigos.
Não há maior amigo do que Julho com seu trigo.
No aperto do perigo, conhece-se o amigo.
O Vinho e o Amigo, do mais antigo.
Os amigos são para as ocasiões.
Quem não tem marido, não tem amigo.
Quem seu amigo quiser conservar, com ele não há-de negociar.
Quem te avisa, teu amigo é.
Quem tem amigos, não morre na cadeia.
Um rico avarento, não tem amigo nem parente.
Boa amizade, segundo parentesco.
Na necessidade prova-se a amizade.
Vê-se na adversidade o que é a amizade.

Amor:

Amor com amor se paga.
Amor de pais não há jamais.
Amor querido, amor batido.
Amores arrufados, amores dobrados.
As sopas e os amores, os primeiros são os melhores.
Escândalo aparta amor.
Filho sem dor, mãe sem amor.
Mais se tira com amor do que com dor.
Mãos frias amores todos os dias.
Mãos frias, coração quente, amor para sempre.
Mãos quentes amores ausentes.
Não há amor como o primeiro.
Não há luar como o de Janeiro nem amor como o primeiro.
No amor, quem foge é o vencedor.



GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

Quem namora pelo fato, leva o Diabo ao contrato.
Quem tem amores, tem dores.
Quem tem sorte ao jogo não tem sorte aos amores.
Velho e namorado, cedo enterrado.

Dinheiro:

A quem do seu foi mau despenseiro, não fies o teu dinheiro.
Amigo verdadeiro vale mais do que dinheiro.
Calças brancas em Janeiro, sinal de pouco dinheiro.
Com a mulher e o dinheiro, não zombes companheiro.
Dinheiro compra pão, mas não compra gratidão.
Dinheiro e santidade, a metade da metade.
Dinheiro emprestado, anda mal parado.
Dinheiro emprestaste, inimigo criaste.
Dinheiro esquecido, nem é pago nem agradecido.
Dinheiro não traz felicidade.
Goraz de Janeiro vale dinheiro.
Na casa onde há dinheiro deve haver um só caixeiro.
Quando chove em Agosto, não metas teu dinheiro em mosto.
Quem não tem dinheiro não tem vícios.
Sapato branco em Janeiro é sinal de pouco dinheiro.
Seda em Janeiro, ou vaidade ou falta de dinheiro.
Tempo é dinheiro.

Tolos:

A vaidade é o espelho dos tolos.
Ao bebado e ao tolo, dá-se o caminho todo.
Com papas e bolos se enganam os tolos.
Quem deixa o certo pelo incerto, ou é tolo ou pouco esperto.
Quem não se ri ao mês, ou é tolo ou quem o fez.
Quem parte e reparte e fica com a pior parte, ou é tolo ou não tem arte.

Guerra:

Em tempo de guerra todo o buraco é trincheira.
Em tempo de guerra, não se limpam as armas.
Não há guerra de mais aparato do que muitas mãos no mesmo prato.
Quando se declara a guerra, o Diabo alarga o Inferno.
Quem compra terras, compra guerras.
Quem vai à guerra, dá e leva.
Vem a guerra, vai a guerra, fica a terra.

Economia:

É tarde para economia, quando a bolsa está vazia.

Carnaval (Épocas do ano)

Carnaval na eira, Páscoa à lareira.
No Carnaval nada parece mal.
Entrudo borralheiro, Páscoa soalheira.
Não há Entrudo sem Lua Nova nem Páscoa sem Lua Cheia.
Quem quiser o alho cachapernudo, plante-o no mês do Entrudo.

São Martinho:

A cada Bacorinho, vem seu S. Martinho (11/11).
Não há bacorinho sem seu S. Martinho.
No dia de S. Martinho (11/11) vai à adega e prova o vinho.
No dia de S. Martinho (11/11), mata o teu porco e prova o teu vinho.



No dia de S. Martinho (11/11): lume, castanhas e vinho.
Pelo S. Martinho (11/11) todo o mosto é bom vinho.
Pelo S. Martinho, deixa a água pró moinho.
Quem bebe no S. Martinho (11/11), faz de velho e de menino.
Queres pasmar o teu vizinho? Lavra e esterca p'lo S. Martinho.
Se o Inverno não erra caminho, têm-lo pelo S. Martinho.

Horta:

Em Março, esperam-se as rocas e sacham-se as hortas.
Tão ladrão é o que vai à horta, como o que fica à porta.

Janeiro:

A Pescada de Janeiro, vale um carneiro.
Aproveite Fevereiro quem folgou em Janeiro.
Calças brancas em Janeiro, sinal de pouco dinheiro.
Cava fundo em Novembro para plantares em Janeiro.
Chuva em Janeiro e não frio, dá riqueza no estio.
Comer laranjas em Janeiro, é dar que fazer ao coveiro.
Da flor de Janeiro, ninguém enche o celeiro.
Dezembro com Junho ao desafio, traz Janeiro frio.
Em Janeiro saltinho de carneiro.
Em Janeiro sobe ao outeiro; se vires verdejar, põe-te a chorar, se vires nevar, põe-te a cantar.
Em Janeiro uma hora por inteiro e, quem bem olhar, hora e meia há-de achar.
Em Janeiro, cada Ovelha com seu Cordeiro.
Em Janeiro, nem Galgo lebreiro, nem Açor perdigueiro.
Em Janeiro, seca a Ovelha no fumeiro.
Em Janeiro, sete capelos e um sombreiro.
Em Janeiro, um Porco ao sol e outro ao fumeiro.
Goraz de Janeiro vale dinheiro.
Janeiro fora, cresce uma hora.
Janeiro geoso e Fevereiro chuvoso fazem o ano formoso.
Janeiro molhado, se não cria o pão, cria o gado.
Janeiro molhado, se não é bom para o pão, não é mau para o gado.
Janeiro quente, traz o Diabo no ventre.
Janeiro tem uma hora por inteiro.
Luar de Janeiro não tem parceiro; mas lá vem o de Agosto que lhe dá no rosto.
Não há luar como o de Janeiro nem amor como o primeiro.
No minguante de Janeiro, corta o madeiro.
O mês de Agosto será gaiteiro, se for bonito o 1º de Janeiro.
Pintainho de Janeiro, vai com a mãe ao poleiro.
Poda-me em Janeiro, empa-me em Março e verás o que te faço.
Quem em Janeiro lavar, tem sete pães para o jantar.
Sapato branco em Janeiro é sinal de pouco dinheiro.
Se o sapo canta em Janeiro, guarda a palha no sendeiro.
Se queres ser bom alheiro, planta alhos em Janeiro.
Se queres ser bom milheiro, faz o alqueire em Janeiro.
Seda em Janeiro, ou fantasia ou falta de dinheiro.
Verdura de Janeiro, não vai a palheiro.
Vinho verde em Janeiro, é mortalha no telheiro.

Fevereiro:

Água de Fevereiro, mata o Onzeneiro.
Ao Fevereiro e ao rapaz, perdoa tudo quanto faz.



Aproveite Fevereiro quem folgou em Janeiro.
Em Fevereiro, chega-te ao lameiro.
Em Fevereiro, chuva; em Agosto, uva.
Fevereiro é dia, e logo é Santa Luzia.
Fevereiro enxuto, rói mais pão do que quantos ratos há no mundo.
Fevereiro quente, traz o diabo no ventre.
Fevereiro recouveiro, afaz a perdiz ao poleiro.
Janeiro geoso e Fevereiro chuvoso fazem o ano formoso.
Neve em Fevereiro, presságio de mau celeiro.
O tempo em Fevereiro enganou a Mãe ao soalheiro.
Para parte de Fevereiro, guarda lenha de Quinteiro.
Quando não chove em Fevereiro, nem prados nem centeio.
Tantos dias de geada terá Maio, quantos de neveiro teve Fevereiro.

Março:

Bodas em Março é ser madraço.
Em Março, esperam-se as rocas e sacham-se as hortas.
Em Março, tanto durmo como faço.
Inverno de Março e seca de Abril, deixam o lavrador a pedir.
Março duvidoso, S. João farinhoso.
Março, marçagão, manhãs de Inverno e tardes de Verão.
Nasce erva em Março, ainda que lhe dêem com um maço.
Páscoa em Março, ou fome ou mortação.
Poda-me em Janeiro, empa-me em Março e verás o que te faço.
Podar em Março é ser madraço.
Quando em Março arrulha a perdiz, ano feliz.
Quando Outubro for erveiro, Guarda para Março o palheiro.
Quando vem Março ventoso, Abril sai chuvoso.
Quem em Março come sardinha, em Agosto lhe pica a espinha.
Quem poda em Março, vindima no regaço.
Sáveis por S. Marcos (25/04), enchem-se os barcos.
Temporã é a castanha que por Março arrebenta.

Abril:

Abril frio e molhado, enche o celeiro e farta o gado.
Abril, Abril, está cheio o covil.
Em Abril águas mil.
Em Abril queima a velha o carro e o carril.
Em Abril, cada pulga dá mil.
Em Abril, lava as altas, mesmo com água pelo machil.
Em Abril, vai onde deves ir, mas volta ao teu covil.
Inverno de Março e seca de Abril, deixam o lavrador a pedir.
Não há mês mais irritado do que Abril zangado.
No princípio ou no fim, costuma Abril a ser ruim.
Quando vem Março ventoso, Abril sai chuvoso.
Quem em Abril não varre a eira e em Maio não rega a leira, anda todo o ano em canseira.
Uma água de Maio e três de Abril valem por mil.

Maio:

A ignorância e o vento são do maior atrevimento.
As favas, Maio as dá, Maio as leva.
Boa cepa, Maio a deita.



Chovam trinta Maios e não chova em Junho.
Em Maio queima-se a cereja ao borralho.
Em Maio, já a velha aquece o palácio.
Em Maio, nem à porta de casa saio.
Em princípio de Maio, corre o Lobo e o Veado.
Fiandeira não ficaste, pois em Maio não fiaste.
Guarda o melhor saio para Maio.
Maio couveiro não é vinhateiro.
Maio frio e Junho quente: bom pão, vinho valente.
Maio hortelão, muita palha e pouco grão.
Maio pardo e ventoso faz o ano formoso.
Não há maior amigo do que Julho com seu trigo.
O bom junto ao pequeno fica maior, e junto ao mau fica pior.
Quando Maio chegar, quem não arou tem de arar.
Quanto maior a nau, maior a tormenta.
Quanto mais alto se sobe, maior o trambolhão.
Quem em Abril não varre a eira e em Maio não rega a leira, anda todo o ano em canseira.
Quem em Maio não merenda, aos finados se encomenda.
Quem em Maio relva, não tem pão nem erva.
Tantos dias de geada terá Maio, quantos de nevoeiro teve Fevereiro.
Uma água de Maio e três de Abril valem por mil.

Junho:

Chovam trinta Maios e não chova em Junho.
Chuva de Junho, peçonha do mundo.
Dezembro com Junho ao desafio, traz Janeiro frio.
Feno alto ou baixo, em Junho é cegado.
Junho calmoso, ano formoso.
Junho floreiro, paraíso verdadeiro.
Junho, dorme-se sobre o punho.
Junho, foice em punho.
Maio frio e Junho quente: bom pão, vinho valente.
Para Junho guarda um toco e uma pinha, e a velha que o dizia guardados os tinha.
Sol de Junho, madruga muito.

Julho:

Água de Julho, no rio não faz barulho.
Deus ajudando vai em Julho mereando.
Julho quente, seco e ventoso, trabalha sem repouso.
Não há maior amigo do que Julho com seu trigo.
Nevoeiro de S. Pedro, põe em Julho o vinho a medo.
Quem em Julho ara e fia, Ouro cria.

Agosto:

Quem quiser ver o seu marido morto, é dar-lhe caldo de berças em Agosto

Setembro:

Agosto tem a culpa, e Setembro leva a fruta.
Em Setembro, ardem os montes, secam-se as fontes.
Nuvens em Setembro: chuva em Novembro e neve em Dezembro.
Setembro, ou seca as fontes ou leva as pontes.



GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

Outubro:

Em Outubro sê prudente: guarda pão, guarda semente.
Em Outubro, o fogo ao rubro.
Em Outubro, paga tudo.
Logo que Outubro venha, procura a lenha.
Outubro meio chuvoso, torna o lavrador venturoso.
Outubro quente traz o diabo no ventre.
Outubro suão, negaças de Verão.
Quando Outubro for erveiro, Guarda para Março o palheiro.
Se em Outubro te sentires gelado, lembra-te do gado.
Simão (Outubro) favas no chão.

Novembro:

Cava fundo em Novembro para plantares em Janeiro.
Em Novembro, prova o vinho e planta o cebolinho.
Nuvens em Setembro: chuva em Novembro e neve em Dezembro.
Tudo em Novembro guardado; em casa ou arrecadado.

Dezembro:

Dezembro com Junho ao desafio, traz Janeiro frio.
Dezembro frio, calor no estilo.
Em Dezembro, treme de frio cada membro.
Nem em Agosto caminhar, nem em Dezembro marear.
Nuvens em Setembro: chuva em Novembro e neve em Dezembro.

Inverno:

Dos Santos ao Natal, é Inverno natural.
Inverno de Março e seca de Abril, deixam o lavrador a pedir.
Março, marçagão, manhãs de Inverno e tardes de Verão.
Nem no Inverno sem capa, nem no Verão sem cabaça.
O Verão colhe e o Inverno come.
Primeiro de Agosto, primeiro de Inverno.
Se a Senhora das Candeias (02/02) rir, está o Inverno para vir.
Se o Inverno não erra caminho, têm-lo pelo S. Martinho.
Ano de neve, paga o que deve.
Neve em Fevereiro, presságio de mau celeiro.
Nuvens em Setembro: chuva em Novembro e neve em Dezembro.
Pelos Santos neve nos campos.

Tempo:

Alto mar e não de vento, não promete seguro o tempo.
Assim como vires o tempo de Santa Luzia ao Natal, assim estará o ano mês a mês até final.
Bom é saber calar até ser tempo de falar.
Cesteiro que faz um cesto faz um cento, dando-lhe verga e tempo.
Em tempo de Figos, não há amigos.
Em tempo de guerra todo o buraco é trincheira.
Em tempo de guerra, não se limpam as armas.
Gaivotas em terra temporal no mar.
Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.
Não há mau tempo senão quando faz vento.
No tempo do cuco, tanto está molhado como enxuto.
O tempo é o melhor Juiz de todas as coisas.



O tempo em Fevereiro enganou a Mãe ao soalheiro.
O tempo perdido nunca se recupera.
Tempo de Santa Luzia, cresce a noite, minga o dia.
Tempo é dinheiro.
Temporã é a castanha que por Março arrebenta.
A chuva de S. João (24/6), bebe o Vinho e come o Pão.
A chuva e o frio, metem a Lebre a caminho.
A nuvem passa, mas a chuva fica.
Chuva de ascensão dá palhinhas e pão.
Chuva de Junho, peçonha do mundo.
Chuva de S. João (24/06) talha o vinho e não dá pão.
Chuva em Dia das Candeias (02/02), ano de ribeiras cheias.
Chuva em Janeiro e não frio, dá riqueza no estio.
Em Fevereiro, chuva; em Agosto, uva.
Nao se pode ter sol na eira e chuva no nabal.
Nevoeiro na serra, chuva na terra.
Nuvens em Setembro: chuva em Novembro e neve em Dezembro.
Quem anda à chuva, molha-se.
Tanta chuva pelas candeias, tantas abelhas pelas colmeias.

Trabalho:

Do trabalho e experiência, aprendeu o Homem a ciência.
Filhos criados, trabalhos dobrados.
Homem folgazão, no trabalho sonolento.
Não há atalho sem trabalho.
O trabalho do menino é pouco, mas quem o despreza é louco.
Quem ao comer sua, ao trabalho amua.
Quem se mete por atalhos, mete-se em trabalhos.
A cada Bacorinho, vem seu S. Martinho (11/11).
A desgraça não marca encontro.
A gosto danado, o doce é amargo.
A ventre farto o mel amarga.
Alto mar e não de vento, não promete seguro o tempo.
Antes martelo que bigorna.
Antes minha face com fome amarela, que vergonha nela.
Arco de teixo duro de armar e fraco para disparar.
Arrenda a vinha e o pomar se os queres desgraçar.
Às vezes não se respeita o burro, mas a argola a que ele está amarrado.
Bodas em Março é ser madraço.
Bolsa despejada, casa amargurada.
Cavalo amarrado também pasta.
Em Março, esperam-se as rocas e sacham-se as hortas.
Em Março, tanto durmo como faço.
Entre marido e mulher não metas a colher.
Filho que pais amargura, jamais conte com ventura.
Gaivotas em terra temporal no mar.
Há mar e mar, há ir e voltar.
Inverno de Março e seca de Abril, deixam o lavrador a pedir.
Mais homens se afogam num copo do que no mar.
Março duvidoso, S. João farinhoso.
Março, marçagão, manhãs de Inverno e tardes de Verão.
Morra Marta, mas morra farta.



Mulher que assobia, ou capa porcos ou atraíçoa o marido.
Não há bacorinho sem seu S. Martinho.
Nasce erva em Março, ainda que lhe dêem com um maço.
Natal a assoalhar e Páscoa ao mar.
Nem em Agosto caminhar, nem em Dezembro marear.
No dia de S. Martinho (11/11) vai à adega e prova o vinho.
No dia de S. Martinho (11/11), mata o teu porco e prova o teu vinho.
No dia de S. Martinho (11/11): lume, castanhas e vinho.
O mar alto, ó mar alto, ó mar alto sem ter fundo; mais vale andar no mar alto do que nas bocas do mundo.
Para lá do Marão, mandam os que lá estão.
Páscoa em Março, ou fome ou mortaçó.
Pedir a avarento, é caçar no mar.
Pelo S. Martinho (11/11) todo o mosto é bom vinho.
Pelo S. Martinho, deixa a água pró moinho.
Poda-me em Janeiro, empa-me em Março e verás o que te faço.
Podar em Março é ser madraço.
Por Santa Maria de Agosto repasta a vaca um pouco.
Quando em Março arrulha a perdiz, ano feliz.
Quando Outubro for erveiro, Guarda para Março o palheiro.
Quando vem Março ventoso, Abril sai chuvoso.
Quem bebe no S. Martinho (11/11), faz de velho e de menino.
Quem em Março come sardinha, em Agosto lhe pica a espinha.
Quem não tem marido, não tem amigo.
Quem poda em Março, vindima no regaço.
Quem vai ao mar avia-se em terra.
Queres pasmar o teu vizinho? Lavra e esterca p'lo S. Martinho.
Sáveis por S. Marcos (25/04), enchem-se os barcos.
Se o Inverno não erra caminho, têm-lo pelo S. Martinho.
Se queres ver o teu marido morto, dá-lhe couves em Agosto.
Temporã é a castanha que por Março arrebenta.

Pais:

Amor de pais não há jamais.
Casa de pais, escola de filhos.
Espera de teus filhos o que a teus pais fizeres.
Filho que pais amargura, jamais conte com ventura.
O que o juízo dos pais acumula, a loucura dos filhos desbarata.
Pais galégos, filhos barões, netos ladrões.
Pais impertinentes fazem filhos desobedientes.

Boi:

A preguiça morre à sede, andando a boiar.
Boi luzidio nunca tem fastio.
Boi velho com os ossos lavra.
Não ponhas o carro à frente dos bois.
P'lo S. Mateus, pega nos bois e lavra com Deus.
Quem não tem bois, não promete carrada.
Quem não tem bois, ou antes ou depois.
Ruídos ao Nascente: desapõe os bois e foge sempre.

Porco:

Em Janeiro, um Porco ao sol e outro ao fumeiro.



Morto por morto, antes a velha que o porco.
Mulher que assobia, ou capa porcos ou atraíçoa o marido.
No dia de S. Martinho (11/11), mata o teu porco e prova o teu vinho.
Porcos com frio e homens com vinho fazem grande ruído.
Quem com farelos se mistura, porcos o comem.
Quem com porcos sonha, até o mato lhe ronca.
Se queres ver o teu corpo, abre o teu porco.
Tem o porco meão pelo S João (24/06).
Um sabor tem cada caça, mas o porco cento alcança.

Fome:

A fome é a melhor cozinheira.
A fome é boa mostarda.
A fome é o melhor tempero.
A fome faz sair o lobo do mato.
Antes minha face com fome amarela, que vergonha nela.
Burro com fome, cardos come.
Haja fartura, que a fome ninguém a atura.
Não há fome que não dê em fartura.
Para a fome não há mau pão.
Páscoa em Março, ou fome ou mortãoço.
Quem tem fome, cardos come.
Mais vale prevenir que remediar.
Peixe não puxa carroça.
Pela boca morre o peixe.

Probérbios sobre conceitos abstractos:

Liberdade:

Quem tem Saúde e Liberdade é rico e não sabe.

Inveja (imbejidade):

A Morte abre a porta da Fama e fecha a da Inveja.
Mais vale inveja que pena (ou: piedade).
Lágrimas de herdeiros, sorrisos sorrateiros.
Muito riso, pouco siso.

Sorte:

Ninguém está bem com a sorte que tem.
Quem tem sorte ao jogo não tem sorte aos amores.
Deus nos livre dos maus vizinhos de ao pé da porta.

Morte:

A Morte abre a porta da Fama e fecha a da Inveja.
Morte com honra, não desonra.
Morte desejada, é vida dobrada.
Quando é de morte o mal, não há médico para curar tal.
Macaco velho, não trepa galho seco.

Engano:

Dos enganos vivem os Escrivães.



O tempo em Fevereiro enganou a Mãe ao soalheiro.
Dos enganos vivem os Escrivães.
Em Roma, faz como os Romanos.
Ladrão que rouba a ladrão tem cem anos de perdão.
Ramos molhados, anos melhorados.
Cada macaco no seu galho,
Apanham-se mais moscas com mel do que com fel.
Não é com vinagre que se apanham moscas.

Aprender, saber:

Mais viver, mais aprender.
Para ensinar, é preciso aprender.
A quem tudo quer saber, nada se lhe diz.
Bom é saber calar até ser tempo de falar.
O novo por não saber e o velho por não poder deitam tudo a perder.
O Saber não ocupa lugar.
Saber esperar é uma grande virtude.
Todo o burro come palha, é preciso é saber dar-lha.
Viver não custa, o que custa é saber viver.
Do trabalho e experiência, aprendeu o Homem a ciência.
De livro fechado, não sai letrado.
Um burro carregado de livros é um doutor.
Filho de peixe sabe nadar.
Nem tudo o que vem à rede é peixe.

2. Alguns preceitos de Medicina caseira

Onde sobeja a água, falta a saúde.
No Verão, torneira; no Inverno, padeira.
Com caracóis e figos lampos não bebas água.
Malvas e água fria fazem um boticário num dia.
A quem Deus quer dar a vida, água da fonte é mezinha.
Não comas caldo de nabos nem o dêes aos teus criados.
Depois de jantar e depois de ceiar, assear.
Quem em Maio não merenda, à morte se encomenda.
Quem ceia e logo se vai deitar, má noite há-de passar.
A ceia quer-se sem sal, sem luz e sem moscas.
Quem bem ceia bem dorme.
Ceia pouco: dormirás como um louco.
Lombrigas e largas ceias têm as sepulturas cheias.
Ao que demais come, abre-lhe o garfo a cova.
Se és velho e comilão, prepara Um dia frio e outro quente põem um homem doente.
Vinho verda em Janeiro é mortalha no telheiro.
Vinho turvo, figos verdes e pão quente, são inimigos da gente.
Vinho com melancia traz azia.
Vinho com melancia dá pneumonia.
Quem come a correr, do estômago vem a sofrer.
Ao comer, nem um sobrescrito ler.
Depois de comer, nem uma letra ler.
o teu caixão.
Pão quente e vinho novo: homem morto.
Pão tremês, nem o comas nem o dêes.
Pão de ontem, carne de hoje e vinho do outro Verão fazem o homem são.



Comer até enfermar, jejuar até sarar.
 Come caldo, vive no alto, anda quente e mais mata a gula que a espada.
 Quem come pouco aproveita muito.
 Come como são e bebe como doente.
 Conforme comemos assim vivemos.
 Come em e folga: terás vida longa.
 Não comas quente: não perderás o dente.
 Não comas cru, nem andes com o pé nu.
 O peixe deve nadar três vezes: na água, no molho e no vinho.
 Peixe de Maio: a quem o pedir daí-o.
 Sável de Maio: maleitas todo o ano.
 Sardinha em Abril, vê-la e deixá-la ir.
 Em Agosto, nem sardinhas nem mosto.
 Por S. Silvestre, bacalhau é peste.
 Pão quente: nem a são nem a doente.
 Pão quente: muito na mão pouco no ventre.
 Pão quente e vinho novo: homem morto.
 Pão tremês, nem o comas nem o dês.
 Pão de ontem, carne de hoje e vinho do outro Verão fazem o homem são.
 Comer até enfermar, jejuar até sarar.
 Come caldo, vive no alto, anda quente e viverás longamente.
 Quem com águas se cura, pouco dura.
 Água fervida prolonga a vida.
 Água gelada e pão quente fazem mal ao ventre.
 O que é de mais é moléstia.
 Três coisas matam o homem: a mulher, o jogo e o vinho.
 Se tens casa húmida, abre conta na botica.
 Tabaco e aguardente transformam o são em doente.
 Por baixo de leite, tudo; por cima de leite, nada.
 Se a mulher sobesse as virtudes da arruda, procurava-a à luz da lua.
 Salsa da horta tira o médico da porta.
 Se queres a tua carne sã, põe-lhe erva alvã.
 Se queres ter saúde e longa vida, bebe a comida e come a bebida.
 Cama de frade e mesa de pobre, dão saúde que sobre.
 Dormir com a janela aberta, é constipação certa.
 Quatro a cinco horas, se tanto, dorme o santo; seis o estudante, sete o caminhante, oito dorme o porco e, daí ara cima, o morto.
 Se queres o teu homem morto, dá-lhe pepinos (ou couves) em Agosto.
 Mais vale romper sapatos que lençóis.
 Contra os maus humores, grandes suores.
 O braço quer peito, a perna leito.
 Quem sofre do coração, não tome banho suão.
 Livra-te dos ares, que eu te livrarei dos males. Deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer.
 Às nove, deita-te e dorme.
 Às dez, põe na cama os pés.
 Levanta-te às seis, almoça às dez, janta às seis, deita-te às dez e viverás dez vezes dez.
 Noite perdida nunca é restituída.
 Alho e limão são meio cirurgião.
 Laranja, antes de Natal, livra de catarral.
 Mordedura de cão, cura-se com o pêlo do mesmo cão.
 Leitão e ovos, dos velhos fazem novos.
 Vai-se o mal, comendo ovos sem sal.
 Quem bem urina dispensa medicina.



Fora de horas urinar, sinal de enfermar.
Azeite de oliveira tira o mal que se queira.
Colhe a macela e faz uso dela.
Três coisas prolongam a vida do homem: mulher obediente, casa arejada e bom cavalo.
Casa onde não entra sol, entra médico. Vida regrada, vida prolongada.
Vida desregrada, velhice pesada.
Comidas apimentadas, borbulhas às carradas.
A doença e a dor, conhecem-se pela cor.
Doença bem tratada é pouco prolongada.
Quem bem se cura muito dura.
Quem bem se cura não se regala.
O que arde cura.
Para grandes males, grandes remédios.
Mais cura a dieta que a lanceta.
Mal que não tem cura é a velhice e a loucura.
Pior é ter mau médico do que estar doente.
Dores, com pão depressa se vão.
Come pão, bebe água e viverás sem mágoa.
Debaixo da noqueira não faças cabeceira.
Como queijo de ovelha, manteiga de vaca e leite de cabra.
Para ter saúde: pouca cama, pouco prato e muito sapato. A doença é o celeiro do médico.
Deus é que cura e os médicos é que recebem o dinheiro.
Quem tem doença, abra a bolsa e tenha paciência.
Quem quiser morrer de velho, siga este conselho: casar tarde, viubar cedo, fugir do salgado e do azedo.
Cautelas e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém.
Feridas de ternura, quem as faz também as cura.
Quando o mal é a morte, o remédio é morrer.
Mel, se o achaste, come o que baste.

4. Algumas lendas do Douro medieval

4.1 Nossa Senhora do Cárquere

O culto de Nossa Senhora de Cárquere, em terras de Egas Moniz, actualmente no concelho de Resende-Douro Sul, já se fazia na época anterior à nacionalidade, em que D. Rodrigo perdeu a Espanha para os Mouros, e sendo provavelmente muito mais antiga. Durante a invasão moura, a pequena imagem da Senhora foi escondida num carvalho oco, juntamente com uma caixa de relíquias, os sinos da ermida e uma cruz de prata. Estes objectos foram aí esquecidos. Muitos anos depois, nasceu D. Afonso Henriques com um grave problema de saúde: o pequeno infante não tinha acção nas pernas, dos joelhos para baixo. O seu aio, Egas Moniz, teve um sonho em que lhe apareceu Nossa Senhora: a Virgem mandou-o ir a Cárquere e cavar em determinado local, onde encontraria os restos da ermida e a sua imagem. Deveria então mandar construir uma nova igreja e sobre o altar colocar o infante, passando aí uma noite de vigília.

A construção terminou quando D. Afonso Henriques tinha cinco anos e as indicações da Virgem foram cumpridas. No dia seguinte, o infante andou e correu como uma criança saudável. O conde D. Henrique, perante este milagre, agradeceu à Virgem mandando construir um mosteiro junto à igreja, que doou aos cônegos regantes de Santo Agostinho.

4.2 Lenda de Dom Ramiro

D. Ramiro II, Rei das Astúrias e de Leão, que reinou desde o ano de Cristo de 931 até o de 950, numa excursão militar que fez de Viseu, onde então residia, por terras de moiros, viu e



enamorou-se da famosa Zahara, irmã de Alboazar, rei moiro, alcaide do castelo de Gaia sobre o rio Douro.

Recolheu-se D. Ramiro a Viseu com o coração tão cativo e a razão tão perdida, que, sem respeito aos laços que o uniam a sua esposa D. Urraca, ou, como outros lhe chamam, D. Gaia, premeditou e executou o rapto da bela moura Zahara.

Enquanto o esposo infiel se esquecia de Deus e do mundo nos braços da moira gentil num palácio à beira-mar, o vingativo irmão de Zahara, trocando afronta por afronta, veio de cilada, protegido pela escuridão de uma noite, assaltar e roubar, nos seus próprios paços, a rainha D. Gaia.

A injúria faz vibrar na alma de Ramiro o ciúme e o desejo de vingança.

O ultrajado monarca voa à cidade de Viseu, escolhe os mais valentes de entre os seus mais aguerridos soldados, e lá vai à sua frente a caminho do Douro.

Chegando à vista do castelo d'Alboazar, deixa a sua 'cohorte' oculta num pinhal, e, disfarçado em trajes de peregrino, dirige-se ao castelo e, por meio de um anel que faz chegar às mãos de D. Gaia, anuncia-lhe a sua vinda.

O peregrino é introduzido imediatamente à presença da rainha, que fica a sós com ele. Alboazar tinha ido à caça. D. Ramiro atrai para longe de si as vestes e as barbas que o desfiguravam e corre a abraçar a esposa.

Esta porém repele-o, indignada, e lança-lhe em rosto a sua traição.

No meio de um vivo diálogo de desculpas de uma parte e de recriminações da outra, volta da caçada Alboazar. D. Ramiro não pode fugir. Já se sentem na próxima sala os passos do moiro. A rainha, parecendo serenar-se, oculta o marido num armário, que havia na câmara. Mas, apenas entrou Alboazar, ou fosse vencida de amor por ele, ou cheia de ódio para com o esposo pela fé traída, abre de par em par as portas do armário, e pede vingança ao moiro contra o cristão traidor.

Daí a pouco el-rei D. Ramiro era levado a justicar sobre as ameias do castelo. Chegado ao lugar de execução, pediu o infeliz que lhe fosse permitido, antes de morrer, despedir-se dos sons e acordes da sua buzina. Sendo-lhe concedida esta derradeira graça, D. Ramiro empunha o instrumento, e toca por três vezes, com todas as suas forças.

Era este o sinal ajustado com os seus soldados, escondidos no próximo pinhal, para que, ouvindo-o, lhe acudissem urgentemente. Portanto, num volver de olhos foi o castelo cercado, combatido, tomado e depois incendiado. A desprevenida guarnição foi passada ao fio da espada e Alboazar teve a morte dos valentes: expirou combatendo.

E D. Gaia, como, ao passar o Douro para a margem oposta, se lastimasse e mostrasse dor, vendo abrasar-se o castelo, foi vítima também do ciúme de D. Ramiro que, cego de ira, a fez debruçar sobre a borda do barco, cortando-lhe a cabeça de um golpe de espada.

A fortaleza em ruínas ficou o povo chamando o castelo de Gaia, à margem do rio, onde aportou o barco de D. Ramiro, dando-lhe o nome de Miragaia, em memória daquele fatal mirar da mísera rainha.

Esta é a lenda que se presume ter dado origem ao brasão de Viseu: o Castelo representa o de Alboazar, o tocador de corneta, o rei D. Ramiro e a árvore, o bosque em que se esconderam os soldados de Viseu que libertaram D. Ramiro.

Lenda ou fábula, representa uma forma de interpretação e porque carregada de antiguidade merece bem que se respeite como tal. Mas, fazendo fé em Vilhena Barbosa, nem tudo será hipotético porque "D. Ramiro II roubou a moira Zahara, irmã ou filha d'Alboazar, a qual se fez cristã, tomando no baptismo o nome de Artida ou Artiga. Repudiando a rainha D. Urraca, casou, segundo uns, ou viveu amancebado, segundo outros, com Zahara, de quem teve um filho chamado D. Alboazar Ramires, que foi o primeiro fundador do Mosteiro de Santo Thirso".

4.3 Lenda dos Távoras

A tradição diz que os irmãos D. Tedo e D. Rausendo (os protagonistas desta lenda, que se terá passado em 1037) eram descendentes de Ramiro II de Leão. Os corajosos irmãos já há muito tempo tentavam tomar o castelo de Paredes da Beira que estava na posse do emir mouro de Lamego, sem qualquer sucesso. Mas um dia, esgotados todos os outros recursos,



D. Tedo e D. Rausendo decidiram usar a astúcia para conseguirem apoderar-se da fortaleza. Numa manhã do dia de S. João em que os mouros saíam habitualmente do castelo para se banharem nas águas do Távora, os dois irmãos e o seu exército, disfarçados de mouros prepararam uma emboscada e entraram no castelo, matando a maior parte mouros que lá tinham ficado. Avisados por alguns mouros que tinham conseguido fugir do assalto, os que festejavam no rio prepararam-se para voltar ao castelo quando foram atacados no rio por D. Tedo e os seus guerreiros, tendo sido todos dizimados. O vale do rio onde se travou a sangrenta luta ficou a chamar-se Vale d'Amil, como lembrança dos mouros que tinham sido mortos aos mil. A lenda diz que os dois irmãos tomaram o apelido *Távora* a partir dessa batalha, em memória do rio onde se tinha desenrolado a vitória, adoptando nas suas armas um golfinho sobre as ondas, simbolizando D. Tedo, que, a cavalo, tinha vencido os Mouros nas águas do rio.

4.4 Lenda da Caninha Verde

Em tempos que já lá vão, nos primeiros tempos da Reconquista, vivia num palácio em Fataunços, perto de Vouzela, o nobre guerreiro El Haturra, descendente do famoso chefe mouro Cid Alafum (em que entronca o actual topónimo Lafões). El Haturra era velho e feio e nunca era visto sem a sua bengala, uma velha cana que vinha sendo transmitida na sua família, de geração em geração, entregue ao seu novo possuidor com umas palavras misteriosas...

Ora, o facto de El Haturra se fazer acompanhar por aquela cana negra e ressequida era objecto de troça de todos, a tal ponto que um seu amigo, o jovem português Álvaro, o aconselhou a desfazer-se dela. El Haturra confidenciou-lhe, então, que a vara tinha magia e que se um dia chegasse a ficar verde era o sinal sagrado do profético encontro de dois primos descendentes de Cid Alafum. Nesse dia esperado, as terras e os tesouros do antigo chefe mouro voltariam à posse da família e as formosas mouras seriam desencantadas. Uma condição essencial era que ambos os descendentes professassem a religião de Alá.

Um dia, passeavam El Haturra e o seu amigo Álvaro pelo campo, quando viram uma linda princesa, acompanhada por uma formosa aia, de cabelo negro e olhos azuis, que cavalgava um cavalo negro. De repente, a vara começou a ficar verde e El Haturra começou a rejuvenescer, tornando-se jovem e belo.

Ao primeiro olhar, El Haturra tinha reconhecido na aia a descendente de Cid Alafum e, juntamente com Álvaro, saiu atrás das duas jovens que se dirigiam à corte do rei de Portugal. Diz a lenda que El Haturra conseguiu convencer a jovem aia a casar-se com ele e o rei de Portugal abençoou a união com uma condição: o baptismo de El Haturra. De início, o agora jovem El Haturra opôs-se veemente, mas por fim a sua paixão foi mais forte e aceitou o desejo real. O baptismo ficou marcado para o dia do casamento e foi então que aconteceu algo de extraordinário: no momento em que estava a ser baptizado, El Haturra voltou a ser velho e feio como dantes. A magia da caninha verde só seria válida se ambos os nubentes professassem a religião de Maomé. A noiva desmaiou naquele mesmo momento e nunca mais quis ouvir falar no seu noivo que desapareceu para sempre, enquanto que a sua cana verde foi guardada num sítio secreto. Segundo a tradição, se alguém gritar "Viva o fidalgo da caninha verde!" no mesmo local e à mesma hora em que se deu o encontro entre os dois descendentes de Cid Alafum, ouvirá gargalhadas alegres das mouras encantadas que pensam que chegou a hora da sua libertação. (Sobre a cana verde, ver cap. III - Simbologias)

4.5 Lenda da Senhora da Lapa

Diz a lenda que a imagem de Nossa Senhora da Lapa apareceu num penedo de difícil acesso, junto às terras de Cister. Os devotos construíram-lhe um templo num local mais acessível, mas a imagem da Senhora fugia para o seu penedo sempre que a punham na nova capela. Este facto insólito ocorreu tantas vezes que os devotos fizeram a vontade à Virgem e construíram-lhe uma capela no penedo. E a Senhora da Lapa lá está hoje, num sítio em que, para a ver, o crente tem de entrar de lado, por mais magro que seja. Curiosamente, o crente



mais gordo de lado entra sempre.

Um dos milagres atribuídos a esta Senhora é o que ocorreu com um caminhante que, adormecendo junto à capela, lhe entrou na boca entreaberta uma cobra. Afliito, o homem acordou e imediatamente invocou no seu pensamento a Senhora da Lapa. Conta a lenda que a cobra imediatamente virou a cabeça para fora da boca, sendo depois apanhada e morta.

4.6 Lenda do Mouro do Cabril

Beatriz era uma jovem camponesa que todos os dias pastoreava o seu rebanho junto da ribeira do Cabril. Muito bonita, era disputada pelos jovens do lugar. Talvez fosse por isso que ainda não se tinha decidido por nenhum, ou talvez por influência das histórias de pastoras e príncipes encantados que a avó lhe contava. Um dia junto à ribeira foi surpreendida por um príncipe encantado que a vinha buscar para a levar para o seu palácio de onde nunca mais sairia. O encanto seria quebrado quando Beatriz tivesse um primeiro filho. Beatriz seguiu o seu sonho e nunca mais voltou a casa. As mulheres diziam que decerto tinha sido o mouro do Cabril que a tinha levado. Tinha fama de belo, poderoso e conquistador e noutras tempos já tinha levado uma rapariga tão bela como Beatriz. Passados anos, a mãe de Beatriz recebeu a visita de um mouro, que lhe pediu para ajudar Beatriz a ter o seu filho. A mãe seguiu o mouro até ao palácio encantado, prometendo sigilo contra a garantia de que o seu neto seria um homem livre. A mãe de Beatriz visitou-a durante anos, em segredo, até que um dia, em que estava marcada uma visita, o seu marido a obrigou a acompanhá-lo a uma feira numa terra vizinha. Contrariada, seguiu-o, e lá, por entre a multidão, encontrou o mouro com o seu neto ao colo. Sem se conter, deu-lhe um recado para Beatriz na presença de todos. O mouro e a criança desapareceram em fumo. A mãe de Beatriz ficou louca para sempre por causa, dizem, do desaparecimento da filha levada pelo mouro encantado do Cabril.

4.7 Lenda da fundação do Mosteiro de Alcobaça por D. Afonso Henriques

Em 1147, a moura renegada Zuleiman apresentou-se nos paços de Coimbra na presença de D. Pedro Afonso, irmão do primeiro rei de Portugal, surpreendendo o infante com a revelação que aquela seria a melhor altura para conquistar Santarém. Zuleiman, despeitada por ter sido abandonada por Muhamed, o alcaide de Santarém, queria vingar-se dando aos cristãos as informações que tinha sobre a defesa do castelo. Entretanto, D. Afonso Henriques já tinha enviado o seu cavaleiro Mem Ramires a Santarém para estudar o inimigo; a astúcia e a cautela do cavaleiro foram fulcrais para a decisão do ataque. Conta a lenda que foi na serra dos Albardos que o primeiro rei de Portugal fez a promessa de construir um mosteiro, se Deus lhe desse a vitória. Mem Ramires segurou a escada contra as muralhas, por onde entraram os soldados e Santarém amanheceu cristã. O mosteiro de Alcobaça foi construído em cumprimento de um voto do primeiro rei de Portugal, sendo (juntamente com a Batalha e os Jerónimos) uma das jóias mais preciosas do património arquitectónico português.

5. Algumas superstições

Comichão: na palma da mão é sinal de dinheiro a receber. Se é na palma da mão esquerda é uma visita desconhecida. Na sola do pé é viagem ao exterior.

Elefantes: ter um elefante de enfeite, sobre um móvel qualquer, sempre com a tromba erguida mas de costas para a porta de entrada, evita a falta de dinheiro. (ver Simbologia, c. III)

Orelha: se uma orelha aquecer de repente, alguém está falando mal; se for dizendo os nomes suspeitos a orelha parará de arder. (ver Simbologia, c. III)

Objectos perdidos: para os recuperar, é dar três pulinhos para São Longuinho.



Gatos: na Idade Média, acreditava-se que os gatos pretos eram bruxas transformadas em animais; por isso a tradição diz que ver um gato preto é azar. Mas há quem diga que, quando um gato preto entra em casa, é sinal de dinheiro; por isso, acariciar um gato atrai boa sorte e ter um gato em casa atrai fortuna. Se um gato dobrar as patas e se deitar sobre elas deixando-as escondidas, é sinal de tempestade. (ver Simbologia, c. III)

Espelhos: quem quebrar um espelho terá sete anos de azar. Ficar a olhar-se num espelho quebrado, significa quebrar a própria alma. Ninguém se deve também ver ao espelho à luz de velas. Nem duas pessoas se devem olhar ao mesmo tempo no mesmo espelho. (ver Simbologia, c. III)

Guarda-chuva: o guarda-chuva deve ficar sempre fechado dentro de casa: abri-lo aí traz azares vários.

Aranhas: aranhas, grilos e lagartixas representam boa sorte para o lar; matar uma aranha pode causar infelicidade no amor. (ver Simbologia, c. III)

Brinde: se o seu copo contiver algum tipo de bebida alcoólica, não brinde com ninguém cujo copo contenha bebida sem álcool, senão os desejos serão pervertidos.

Vassoura: pôr uma vassoura com o cabo para baixo atrás da porta faz as visitas indesejáveis irem embora depressa; a vassoura deve ser guardada na posição vertical para evitar desgraças; crianças que montarem em vassouras serão infelizes; varrer a casa à noite expulsa a tranquilidade. (ver Simbologia, c. III)

Número 13: é tido como sinal de infortúnio, e, também, de bom agouro. Se uma sexta-feira cair no dia 13 é um sinal de perigo e, nesse dia, todo o cuidado é pouco. O número treze é tão temido que há lugares onde os prédios não possuem o décimo terceiro andar. (ver Simbologia, c. III)

Cabelos: Existiam mulheres que ofereciam as cabeleiras aos santos, como o fim de recuperar o amor dos seus maridos. Aquiles corta a sua cabeleira para ser queimada na fogueira fúnebre de Pátroclo (Homero, *Ilíada*, conto XXIII).

Visita: em algumas terras, quando uma mulher é recebida noutra casa por alguns dias, por estima recebe a chave da despensa.

Roupa por fora: colarinho da camisa fora da camisola: pedir alguém em casamento. Combinação a ver-se: rapariga já comprometida.

Noivos: No período de namoro, os namorados não poderiam ser padrinhos de casamento nem experimentar alianças de casamento de alguém, nem sentar ao canto de uma mesa, nem deixar varrer os pés.

É bom oferecer aos noivos um saco para guardar diariamente o pão.

Dois (duas) irmãos (irmãs) não se devem casar no mesmo dia, porque a felicidade pode “fugir” para um (a) deles (delas).

Também não poderia ver a noiva no dia do casamento: só na cerimónia. A noiva não deve usar ouro, mas uma jóia de alguém que tenha vivido feliz, usar uma liga azul, uma coisa usada e outra emprestada, ou uma coisa nova e uma coisa velha.



Dá sorte atirar com arroz aos noivos e eles oferecerem lembranças de agradecimento aos convidados.

Finalmente, chegando à sua nova casa o noivo deve levar a noiva ao colo, deitando-se numa cama feita “à espanhola” e com uns grãosinhos de açúcar... simbolizando o princípio de uma nova etapa da vida... o matrimónio.

A lua-de-mel parece fugir às superstições: surgiu na antiguidade com este nome porque quando os casais se casavam e iam para casa na noite de núpcias, os vizinhos e parentes desenhavam uma lua, ou um coração, com mel na porta da casa para dar sorte com a ejaculação.

Espirros: Os romanos deixaram-nos uma saudação dirigida aos que espirravam: *Dominus tecum*=‘domisteco’=o Senhor seja contigo – Para o céu, diz-se também, em resposta, como se vê em Apuleio. Em Sanhoane diz-se ainda “Domisteco”.

Os espirros deviam ser dirigidos para a direita e não para a esquerda (“sinistra”), de onde provinham aougros nefastos.

Feiticeiras: Têm uma fórmula e untura para se tornarem invisíveis, marcharem para onde querem ou se transformarem noutros animais.

O povo tem vários remédios contra feitiços, entre os quais se conta a figa, ou seja, o *phallus* (=falo, membro viril entre os Gregos), correspondente ao Deus Príapo entre os romanos. (ver Simbologia, c. III)

Fogueiras: Em algumas localidades ainda se faz a fogueira de Natal que dura vários dias.

Nas noites de São João e São Pedro queima-se marrolo (erva de flor amarela), rosmarinho, uma erva que se cria na primavera nos sequeiros dos lameiros e dança-se à roda das fogueiras, cantando loas aos ditos santos. (ver Simbologia, c. III)

Funerais (culto dos mortos): Em determinadas aldeias há jantaradas nos enterros e funerais, que se prolongam pela noite dentro: as pessoas vêm de longe e nas aldeias não há onde dormir. Ou, pelo menos, são servidos comes e bebes, pão e vinho.

O culto aos mortos – reservado ao Purgatório, pois no Céu já não precisam e no Inferno é escusado... – é de origem católica e tem o nome de ‘Finados’.

É comemorado no dia 2 de Novembro de cada ano, logo depois do dia de Todos-os-Santos. No início era mais íntimo, litúrgico e eclesial, com missas adequadamente solenes; depois estendeu-se aos cemitérios, evoluindo para aspectos mais sensoriais, com velas (símbolos de presença entre nós e de fé – ver Simbologia, c. III), flores (crisântemos) e outros ornamentos.

O culto dos mortos existe ancestralmente em todas as culturas do mundo. Em Portugal e Europa, o Dia de Finados é celebrado com tristeza, mas no México, que também é um país católico, fazem uma enorme e alegre festa! (ver Simbologia, c. III)

Judeus: Era comum fazer aos judeus a acusação de ‘abafarem’ os doentes sem esperança de cura, para lhes abreviarem o sofrimento; hoje, a esse ‘abafo’ (que livraria o Estado de mais um reformado) chamar-se-ia, finalmente, ‘eutanasia’.

Lobisomens: Segundo uma lenda popular trasmontana, nascem com o fadário de



lobisomens os filhos gerados em sexta-feira santa e também os de compadre e comadre. A crença em lobisomens – homens transformados em lobos – é muito antiga; por vezes readquire a personalidade humana, readquirindo-a ao fim de certo tempo (uma noite, uma lua, alguns anos). (ver Simbologia, c. III).

Malmequer: desfolhar o malmequer dá aos namorados informações sobre se um deles tem ou não amor ao outro. Tal usança já vem do paganismo que, para isso utilizava a flor da papoila, colocando na mão fechada e batendo com a outra em cima. Conforme o estalo da flor, era grande, pequeno ou nulo, assim significava o grau de amor. (ver Simbologia, c. III)

Mandrágora: Apuleio também a menciona, dizendo que «o soporífero da mandrágora é famoso pela modorra que causa e eficaz para produzir um sono semelhante à morte». São-lhe atribuídas propriedades medicinais: afrodisíaca, alucinógena, analgésica, narcótica e fecundante.

O uso da raiz da planta é muito antigo, encontrando-se citado nos textos bíblicos (Génesis,30:14 e Cantares,7:13).

Segundo lendas medievais, as raízes da mandrágora deveriam ser colhidas em noite de lua cheia, puxadas para fora da terra por uma corda presa a um cão preto; se outro animal ou pessoa fizesse esta tarefa, a raiz "gritaria" tão alto que o mataria.

Outra lenda refere que a mandrágora tinha como semente o gozo de um homem enforcado; o fruto, idêntico a uma pequena maçã, exala um odor forte e fétido; a raiz tem uma forma humana.

Essa planta também é citada em importantes obras literárias:

– Shakespeare, em *Romeu e Julieta*, acreditando-se que o remédio que Julieta tomou para fingir estar morta tenha sido extraído dela.

– J K Rowling, em *Harry Potter*, pelas suas raízes e aparência humana.

– Também é citada no filme *O Labirinto do Fauno*, onde é usada para amenizar as complicações da gravidez da mãe da personagem Ofélia.

– Citada, ainda, no jogo *Odin Sphere* para o console *Playstation 2*, onde se devem arrancar da terra para a confecção de poções com diferentes finalidades.

– No *mangá* (história em quadrinhos japonesa) *Mx0*, as mandrágoras assumem forma "humana", num fictício campo mágico, devido ao facto de a sua forma se assemelhar à figura humana. (ver Simbologia, c. III)

Mocho: É tida como uma ave agourenta, nocturna, nuncia de infortúnios, que os romanos procuravam apanhar quando entrava em alguma casa, pregando-a nas portas, «para expiarem por seu tormento as desgraças de que ameaçavam as famílias com os seus nefastos voos». (ver Simbologia, c. III)

Olhar para trás: Nas credices populares, encontra-se a de não olhar para trás ao andar.

Pé esquerdo: Entrar em casa com o pé esquerdo, é de mau agouro. Nos templos gregos, a escadaria para subir ao altar tinha *três* degraus, número mágico. Mas bastaria



construí-las em qualquer número ímpar, pois naturalmente se inicia a subida com o pé direito e esse seria automaticamente o mesmo da entrada em casa. (ver Simbologia, c. III)

Pregos nas portas: Os romanos cravavam nas portas pregos arrancados dos sepulcros, ou colocavam nelas o *phalus* (polegar metido entre o indicador e o médio), para afugentar de seus jardins malefícios e ladrões. (ver Simbologia, c. III)

Culto da pedra (ver Simbologia, c. III)

Raio: Não há muita gente que não tenha respeito pelos raios, faíscas e relâmpagos, pois não prenunciam nada de bom. (ver Simbologia, c. III)

Culto da serpente: A serpente é um símbolo de sabedoria para filósofos, alquimistas, médicos e sacerdotes. Representa o cúmulo de conhecimento conseguido através dos tempos e a reciclagem constante nas suas infinitas trocas de pele. Tem o poder de matar e curar com o mesmo veneno. A serpente mais velha de todas é a do Éden bíblico, que enfeitiçou e seduziu o primeiro casal humano. (ver Simbologia, c. III)

Sonhos: (ver Simbologia, c. III)

Tabus: São preceitos considerados religiosos ou supersticiosos que envolvem conceito de sacrilégio para quem os transgride, atraindo pesados castigos sobre os transgressores. (ver Simbologia, c. III)

Totemismo: (ver Simbologia, c. III)

Varinha de condão: (ver Simbologia, c. III)

(Sobre este assunto, ver, sempre, Simbologia, c. III, e sobretudo, os escritos do **Abade de Baçal**)



Uma imagem romântica do Douro
- cortesia do pintor F. Guichard



VII APÊNDICES